

# Movimento sindical bancário toma conta do país

Essa é a terceira publicação da *Folha Bancária Especial* a celebrar os 90 anos de história do Sindicato, com o mesmo visual das edições à época. A partir da vitória da oposição, em março de 1979, o Sindicato toma novo rumo para organizar os trabalhadores. No esteio da *Folha Bancária*, que passa a ser diária, a entidade se aproxima mais dos trabalhadores com a criação de sedes regionais e dos departamentos feminino, de imprensa, de informação e análise, e de educação e cultura. Organização fundamental para a realização das greves e das lutas que se seguiriam nos próximos anos.

A nova direção, além de romper com o modelo sindical corporativo, passa a apoiar oposições bancárias em todo país, movimento que amplia a organização da categoria nacionalmente e intensifica a luta por melhores condições de trabalho, salários justos, além do combate à ditadura militar.

Com as experiências obtidas com as greves de 1978 e 1979, o movimento sindical que então despontava chega a uma conclusão: a importância da aproximação maior entre direção e base. E assim caminhará o novo sindicalismo nos anos seguintes.

**Arrocho salarial** – O início dos anos 1980 é marcado pelo fato de o Brasil recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para renegociar com os credores e obter novos empréstimos. O chamado “milagre econômico” vira pesadelo com o Brasil tornando-se o maior devedor entre os países do mundo, além do drástico aumento da desigualdade social. Essa renegociação previa seguir a cartilha do FMI, com orientação de que a política de reajuste salarial deveria ser abaixo do custo de vida. Assim, o então presidente da República, João Figueiredo, publica decretos de arrocho salarial.

Nessa conjuntura, o Sindicato encabeçou uma luta frontal contra a política salarial do governo dos generais. Os resultados foram, de um lado, a intervenção no Sindicato, e, de outro, a fundação da CUT, em agosto de 1983.

Nesse cenário, 138 categorias, entre elas a bancária, marcam greve geral para 21 de julho. Na tarde do dia 20, no entanto, a Polícia Federal invade o Sindicato. A diretoria é cassada e a entidade sofre intervenção. A luta permanece e a *Folha Bancária* continua sendo diária, com o acréscimo da palavra “Livre” para marcar a resistência. As assembleias e reuniões da campanha salarial de 1983 ocorrem em outros sindicatos e igrejas.



**Fim da ditadura** – Paralelamente à resistência à política econômica, diversos segmentos, entre eles o movimento sindical, organizam o primeiro comício pelas Diretas Já, seguido por uma série de manifestações em apoio à Emenda Constitucional Dante de Oliveira – nome do deputado que propôs o projeto – para que fosse restabelecido o direito de eleições diretas no país. Era a ditadura militar agonizando.

Nesse contexto, após vinte meses de intervenção, o Ministério do Trabalho cede e, em meio à greve de 24 horas dos funcionários do Banco do Brasil – primeira depois de 1979 –, anuncia eleições para o Sindicato, vencida pela chapa única Resistência, encabeçada por Luiz Gushiken.

Naquele ano é encerrado também o processo de abertura política do regime militar e o Colégio Eleitoral escolhe Tancredo Neves para presidente da República. Em 15 de março, com a morte de Tancredo, assume seu vice, José Sarney.

**Novas formas de resistência** – Com o início da chamada Nova República, os trabalhadores têm de enfrentar inflação ascendente, salário mínimo correspondente a 1/3 do proposto pelo Dieese e substituição da Constituinte livre por um Congresso Constituinte.

Nessa conjuntura, os bancários iniciam mobilização pelo reajuste trimestral. É a resistência para que direitos não sejam retirados. Com isso, a greve de 1985 é inovadora ao buscar diálogo com os clientes sobre a condição salarial dos bancários e ao organizar a categoria nacionalmente para o enfrentamento.

Assim, os bancários iniciam a greve em 11 de setembro, a primeira nacional depois de 1964. Em São Paulo, na noite do dia 12, a assembleia da categoria na Praça da Sé (*foto*) aprova proposta do TRT de reajuste de 90,78%, no julgamento do dissídio, considerado pelos bancários uma grande vitória, como demonstra trecho da *Folha Bancária* nº 1.206: “A proposta aprovada não era exatamente o que queríamos, mas representa uma vitória conquistada na mobilização e na unidade dos bancários. Retornamos ao trabalho de cabeça erguida, conscientes da nossa força e da nossa capacidade de luta”.

A resistência e a organização permanecem nos anos seguintes, acumulando conquistas específicas – como o tiquete-refeição e o auxílio-creche/babá, até hoje na categoria – e na luta pelo fortalecimento da democracia no país, que terá capítulos importantes nos anos seguintes, como o impeachment de Fernando Collor.

## CUT: a nova lei dos trabalhadores

Era 28 de agosto de 1983, 1º Congresso da Classe Trabalhadora (Conclat) no Pavilhão Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, quando a Central Única dos Trabalhadores foi fundada. Consolidava-se, naquele momento, a necessidade de combater a estrutura sindical oficial e avançar para democratizar as relações de trabalho no Brasil, além de organizar a luta dos trabalhadores em todo país.

Eram tempos difíceis, com a ditadura militar agonizando, mas ainda presente, reprimindo os movimentos organizados. Os trabalhadores, porém, davam mostras de sua organização e resistência com a greve histórica dos metalúrgicos da Scania (1978), e a retomada do Sindicato, iniciada com a paralisação de 1978 e consolidada com a eleição da oposição bancária em 1979.

Desde lá, os bancários sinalizavam a necessidade da construção de uma Central Única dos Trabalhadores, capaz de aglutinar o movimento sindical em todo o país e lutar por liberdade e autonomia sindicais, princípios que forjaram a fundação da CUT. Assim, há 30 anos, nascia uma central sindical classista, de massas, democrática, de lutas e pela base.

**CUT Nacional** - A categoria bancária também ajudou muito a Central a se estruturar em todos os estados brasileiros e organizar a luta em todo país, uma vez que os bancários têm em sua trajetória a organização dos trabalhadores em âmbito nacional. Não por acaso, a campanha salarial da categoria é unificada e cobre a totalidade do Brasil.

“A democracia, a liberdade e melhores salários se conquistam, não se ganham, e, nós, da CUT, sabemos pela própria experiência que precisamos ajudar os trabalhadores a conquistarem tudo isso. Sem paternalismo, sem enganação. A CUT veio para ficar.” (Gilmar Carneiro, primeiro bancário eleito para a executiva da CUT, na *Folha Bancária* nº 830, novembro de 1983)

## Na luta pelas Diretas Já!



A luta por liberdade política e fortalecimento da democracia no Brasil tem os bancários e o Sindicato como protagonistas de alguns dos mais marcantes episódios que permitiram à sociedade poder se expressar, além de votar para presidente. Assim foi na campanha pelas Diretas Já. Mesmo sob intervenção, o Sindicato participou ativamente, desde o primeiro comício, no estádio do Pacaembu, até as organizações de comitês pró-Diretas nos bancos. Em 25 de janeiro de 1984, quando uma multidão ocupou a simbólica Praça da Sé (*foto*), os bancários estavam lá.



# FORTALECENDO A DEMOCRACIA

## Linha do Tempo (1979-1986)

Algumas das passagens históricas dos bancários após a retomada do Sindicato, em 1979, estão registradas na linha do tempo desta terceira edição especial em comemoração aos 90 anos. Com a oposição bancária no poder, um marco na história da categoria, a resistência à intervenção, às prisões e aos sucessivos pacotes de arrocho salarial marca a atuação do Sindicato nos anos que seguem até 1986. A partir de então, com o cenário de inflação a 14,3% e arrocho salarial chegando a 100%, os trabalhadores passam a empenhar também novas formas de resistência. A partir de 1983, essa luta teve uma importante conquista: a fundação da CUT.

### 1979

1º Encontro Nacional das Oposições Sindicais Bancárias

### 1980

Fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). “A gente não fazia programa (do PT), fazia pauta de reivindicação. Tínhamos muito essa confusão. Qualquer programa nosso começava: a reforma agrária, redução da jornada de trabalho, estatização do sistema financeiro e por aí afora.” (Lula, ABC de Lula)

### 1981

As ações da nova diretoria deram resultado: os sócios do Sindicato passam de 29 mil, em 1979, para 46 mil. Na foto, posse da diretoria reeleita, em 1982, novamente encabeçada por Augusto Campos



RAUL JUNIOR



RAUL JUNIOR

### 1983

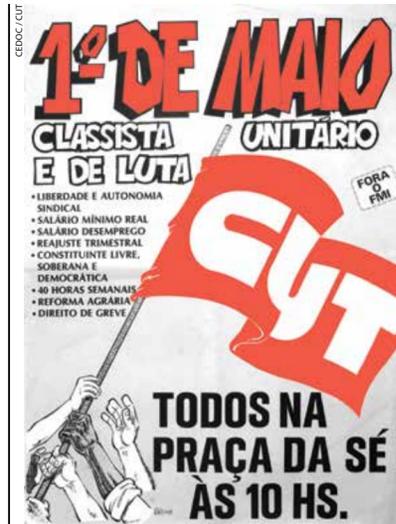
Ano dos decretos de arrocho salarial. Em 6 de julho, petroleiros de Paulínia, Bahia, São José dos Campos e metalúrgicos de São Bernardo entram em greve contra os pacotes do governo. Os funcionários do Banco do Brasil programam paralisação para o dia 21. Na tarde de 20 de julho, a polícia federal invade o Sindicato, prende oito diretores, o jornalista responsável pela *Folha Bancária* e quatro ativistas. Na foto, a diretoria realiza assembleia para buscar apoio da categoria e da sociedade para o fim da intervenção

### 1984

É o ano da campanha pelas Diretas Já, que põe fim ao período do regime militar

### 1984

Em 29 de abril é fundada a Central Única dos Trabalhadores do Estado de São Paulo (CUT/SP). É o início da organização da CUT nos estados. Luiz Gushiken compõe a diretoria executiva representando os bancários



### 1985

No dia 15 de janeiro, o Colégio Eleitoral escolhe Tancredo Neves para presidente da República. Era o governo da Aliança Democrática (PMDB/PFL). Com o impedimento da posse de Tancredo, assume seu vice, José Sarney. Na foto, cartaz convoca para a primeira manifestação do 1º de Maio realizado pelos trabalhadores por intermédio da CUT e seus sindicatos

### 1986

Inflação atinge 14,3% e o arrocho salarial dos bancários chega a 100%. Nesse cenário, governo decreta o Plano Cruzado I. Três meses após a decretação do plano, 70 mil bancários haviam sido demitidos e 500 agências fechadas. Com os resultados eleitorais e ampla vitória do PMDB, o governo decreta o Plano Cruzado II

### 1979

Em 13 de setembro, a greve aprovada em assembleia tem um desfecho conturbado, com a polícia reprimindo os bancários (foto). Ao contrário dos 50% reivindicados, é conquistado 15% de reajuste. Se é um exemplo a greve derrotada, é também o início da “volta por cima”



JESUS CARLOS

### 1982

É o ano da inauguração da maior hidrelétrica do mundo, Itaipu, e o ano em que o Brasil, maior devedor mundial, recorre ao FMI para renegociar com os credores e obter novos empréstimos



FERNANDO RODRIGUES

### 1983

Em 28 de agosto, é fundada a Central Única dos Trabalhadores

### 1984

Em 21 de setembro, acontece o Dia Nacional de Luta pelas Reivindicações dos Bancários, que conquistam o pagamento integral do INPC, derrubando o Decreto-Lei 2.065, que então regia a política salarial. Porém, sem acordo no BB, os bancários param por 24 horas, no dia 7 de dezembro. Foi a primeira greve depois de 1979, tendo como desfecho o fim da intervenção no Sindicato



RAUL JUNIOR

### 1985

Eleita com 31.101 votos, a nova diretoria, presidida por Luiz Gushiken, toma posse no dia 8 de março, colocando fim nos 20 meses de intervenção no Sindicato



EDRIS MARTINS

### 1985

Em São Paulo, no dia 28 de agosto, foi realizada uma passeata com 30 mil bancários, mobilizados na campanha salarial. Com a intransigência dos banqueiros, a categoria deflagra greve para 11 de setembro



### 1986

Em 12 de dezembro, a CUT marca greve geral dos trabalhadores para exigir a revogação dos pacotes econômicos. Cerca de 70% aderem à greve. A grande mobilização dá sinais de que os trabalhadores avançavam em sua organização e consciência de classe

## A DITADURA PRENDEU ATÉ O SEU PEREIRA

Apesar de não ter nenhuma relação com o mundo “subversivo”, o funcionário do Sindicato foi preso duas vezes pelo regime militar, só por distribuir a *Folha Bancária* e contribuir com o movimento sindical

O Sindicato, em todos os seus 90 anos, reúne milhares de histórias que merecem ser registradas. Dirigentes e funcionários da entidade que, mesmo nas funções mais simples, viveram a rotina de lutar e trabalhar pelo fortalecimento da democracia. Seu Pereira foi um deles.

Em 1963, o Sindicato já era muito bem estruturado. Ocupava todo o sétimo andar do Edifício Martinelli. Tinha uma boa biblioteca — com mais de sete mil volumes — um auditório com cabine de projeção de cinema, barbearia, um pequeno restaurante e também a gráfica, onde a *Folha Bancária* era impressa. Antonio Augusto Pereira foi contratado em março daquele ano para trabalhar como motorista da Kombi “zerinho” que o Sindicato acabara de comprar para fazer a distribuição do jornal. Mas exerceu por pouco tempo essa função. Como tinha um metro e noventa de altura, sentia dores nas costas por trabalhar com a Kombi. Um diretor, achando que ele já estava “muito velho” para dirigir no “trânsito caótico” de São Paulo, achou

melhor registrá-lo na categoria “serviços gerais”. Após o golpe de 64, a diretoria do Sindicato foi cassada. Muitos dirigentes foram presos e a entidade ficou sob intervenção. A *Folha Bancária* continuou circulando, mas tamanha era a falta de assunto por causa da censura que a compra de um livro novo para a biblioteca, por exemplo, merecia grande destaque. Até que num belo dia alguém teve uma ideia: depois do jornal já impresso e aprovado pelos interventores, foram carimbados em todos os exemplares que seriam distribuídos no Banespa um texto “subversivo”, como era chamado tudo que não estivesse de acordo com os “ideais” da “Revolução”.

Seu Pereira, como era carinhosamente chamado pelos colegas, saiu para distribuir o jornal em frente à antiga sede do Banespa, na Rua João Bricola, centro da capital. Logo um investigador chegou, deu-lhe voz de prisão, mandou-o colocar todos os exemplares na viatura e ameaçou: “Se tentar fugir eu dou um tiro em você”. Seu Pereira, com a calma de mineiro velho, falou



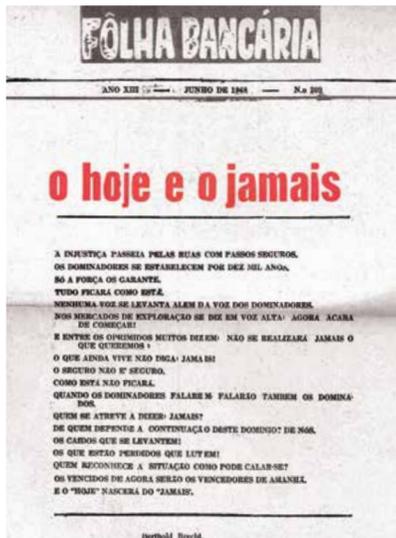
com voz paternal: “O que é isso rapaz, eu não sou bandido não. Sou funcionário do Sindicato e estou cumprindo meu dever”. O “tira” ficou tão desapontado com aquela reação que pediu desculpas e foram conversando cordialmente até o Largo General Osório onde ficava a temida sede do Deops. A preocupação de Seu Pereira era maior

porque a esposa estava internada na Beneficência Portuguesa, pelo IAPB (o extinto Instituto de Assistência e Pensão dos Bancários), e os três filhos estavam sozinhos em casa, o maior deles com apenas doze anos. Mas apesar do “chá de cadeira” que levou esperando para falar com o delegado, não houve maiores problemas. Seu Pereira foi liberado e a carga “subversiva” ficou apreendida.

Mesma sorte ele não teve três anos depois. Seu Pereira então trabalhava na recepção do Sindicato, mas pela manhã fazia hora-extra distribuindo a *Folha Bancária*. Foi preso em frente à Agência Centro do Banco do Brasil (pertinho da sede do Sindicato). Enquanto seguiam para o Deops, o investigador tentava intimidá-lo: “O senhor vai ser transferido para a Ilha das Cobras” (onde ficava o sinistro presídio da Marinha). Seu Pereira repetia que era funcionário do Sindicato e não era ele quem escrevia o jornal. No Deops, fez a bobagem de gozar da cara do delegado. Ao ser perguntado: “O senhor é comunista?”. Seu Pereira respondeu: “Desde criança” e o delegado, já com a voz alterada: “O quê?”. E ele, sem maiores protocolos: “Olha, rapaz, eu nunca me interessei por política”. O delegado, talvez por não haver sido temido, nem chamado de “doutor” como gostaria, mandou “fichá-lo”. Naquela noite ele chegou tarde em casa, aborrecido com o fato de ter sido fotografado com um número no pescoço “como um bandido”, dizia.

Mas as prisões não afastaram Seu Pereira da distribuição da *Folha Bancária*. Continuou também trabalhando na recepção até a aposentadoria, em abril de 1975. Morreu em 17 de janeiro de 1999 aos 92 anos. Seus três filhos — o mais velho deles Carlos Augusto, responsável por esse relato, além de Maria Eunice e Maria Silvia — seguiram o exemplo do pai. Também foram bancários, sindicalizaram-se desde o início e participaram de todas as greves. Hoje são aposentados pelo Banco do Brasil. E, agora que os arquivos do Deops tornaram-se públicos, descobriram que o número do prontuário do pai é 136.999.

A trajetória do Seu Pereira, da esposa, Dona Clara (hoje com 90 anos), e dos seus filhos bancários é uma dentre muitas que merecem registro nessa história que descreve um pouco a de todos os trabalhadores do Brasil.



Poema de Berthold Brecht publicado na FB de 1968

# Abaixo à ditadura e pelas liberdades democráticas

Funcionário do antigo Banespa, hoje controlado pelo Santander, Luiz Gushiken sucedeu Augusto Campos na direção do Sindicato após a retomada.

A primeira experiência foi como cipeiro. "A agência passava por reforma e eu infernizava a vida do gerente para que os trabalhadores não ficassem expostos à sujeira e ao barulho. Acredito que essa primeira experiência tenha sido o embrião sobre o que faria mais tarde", lembra.

Foi durante uma assembleia com funcionários do extinto Comind (Banco do Comércio e Indústria) que diz ter sido pego de surpresa por um colega que lançou sua candidatura a deputado federal constituinte. Foi eleito e ocupou cadeira na Câmara dos Deputados por três mandatos consecutivos (1987-1998). Gushiken foi chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência da República no primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

## Como você passou a atuar no movimento sindical?

Comecei a militância política por influência de uma prima, estudante de Ciências Sociais, que tinha acesso a livros proibidos pela ditadura, como o *Manifesto do Partido Comunista*. Lia tudo com muito interesse. Por minha atuação como cipeiro na agência do Brás, virei referência dos funcionários nos problemas relativos a condições de trabalho. Passei a discutir as questões sindicais a partir de conversas com colegas do banco ligados a uma corrente política chamada Libelu (Liberdade e Luta). E na categoria bancária tinha muitas pessoas da Libelu que passaram a organizar a oposição bancária. Havia também o Augusto Campos, de outra tendência. Posteriormente, saí dessa corrente e prossegui na direção da entidade. Depois convenci o Gilmar Carneiro, que estudava comigo

na faculdade Getúlio Vargas a vir para a oposição bancária.

## Como foram construídas as greves quando aquele grupo de oposição passou a dirigir o Sindicato?

Tivemos muitas greves vitoriosas, mas também greves frustradas. A de 1978, por exemplo, ocorreu a partir de atitude corajosa de nossa parte que colocamos em votação a troca da mesa, composta pela então diretoria do Sindicato, que conduziria assembleia na Casa de Portugal. Trocamos a direção da mesa e iniciamos o movimento no dia seguinte com o lema "Braços cruzados, máquinas paradas", inspirados pelos metalúrgicos do ABC. O escriturário chegava ao Sindicato de moto para ajudar na greve e nós o devolvíamos para a agência para ficar de braços cruzados. Foi uma greve frustrada, mas que nos ensinou a produzir depois, lá em 1985, um movimento mais organizado. E também da greve de 1978 surgiram pessoas com espírito de luta e que chamamos para compor a chapa de oposição para disputar a eleição no ano seguinte.

## Por que a greve de 1985 é considerada histórica por muitos bancários?

Fizemos várias greves, mas a de 1985 foi emblemática, pois ocorreu no país inteiro. Ela foi fruto de muita organização política, com adesão de toda a sociedade. Fizemos com antecedência várias conversas no Congresso Nacional, com o Comandante do 2º Exército em São Paulo, que veio logo perguntando:

- O que vocês querem?

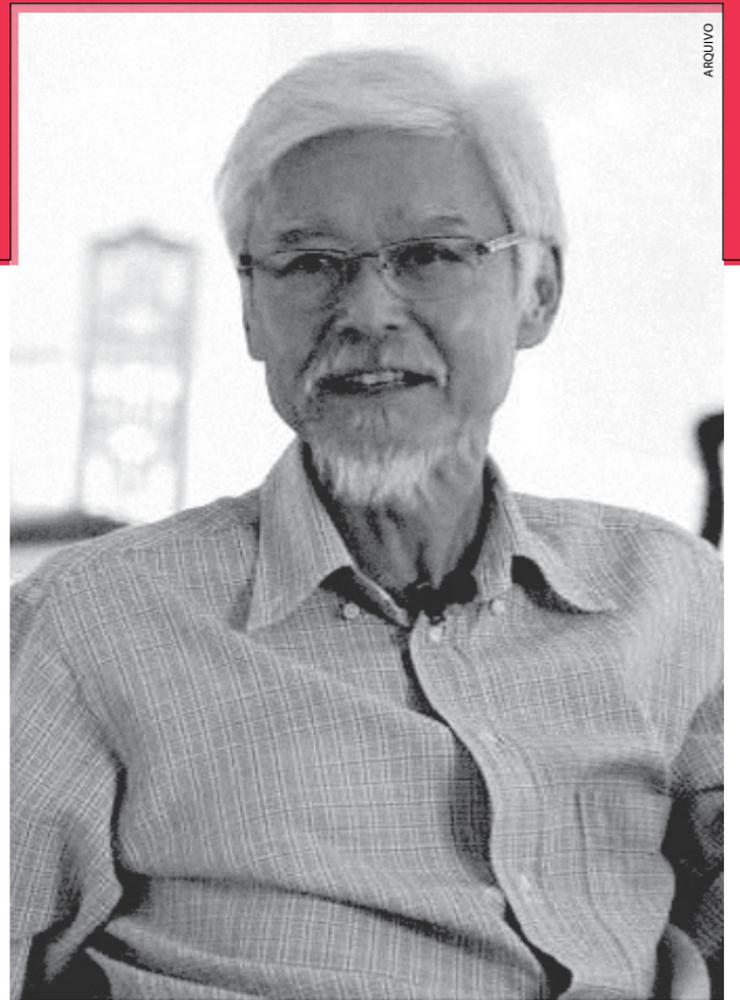
- Primeiro queria que o senhor observasse o que estamos reivindicando dos bancos, pois a situação que se encontram os bancários é crítica, e que compreendesse que não há como não sair greve, é inevitável,

e gostaríamos que o Exército não interviesse.

Ele disse: Tudo bem, façam a greve de vocês. Colocamos esse encontro no jornal e encorajamos toda a categoria. Foi uma grande articulação política. Houve adesão de todos, inclusive de quem não era da oposição bancária. No interior tinha a federação de bancários do estado de São Paulo, sob comando de Eriberto, e coloquei para ele três pontos: a sede do comando de greve seria na federação, haveria data única para as assembleias para iniciar a greve em todo o país ao mesmo tempo e eu não disputaria holofote com ele. Foi um pacto muito bem costurado. Tanto que, no terceiro dia de greve, quando o Tribunal Regional do Trabalho fez a proposta, em plena assembleia na Praça da Sé, o Eriberto veio para mim e disse: deixa eu ir lá para anunciar a proposta. Puxa vida, pensei, agora a diretoria vai me matar. Falei: vá. Ele foi e apresentou a proposta. Fui muito criticado por isso, mas era importante que houvesse essas alianças para que a greve fosse vitoriosa.

## Como foi o movimento pelas Diretas Já?

O Sindicato tinha uma diferença em relação aos demais. Era um grupo de pessoas com formação política ou que se destacaram na greve de 1978. Assim, nossas palavras de ordem para disputar as eleições na entidade eram: abaixo à ditadura e pelas liberdades democráticas. Não eram palavras do ambiente sindical, mas que faziam parte do contexto político nacional e que ganhou adesão de vários setores que não eram bancários, mas viam em nós um movimento contrário à ditadura militar. Embora fosse um período diferente ao de 1968 a 1976, quando se prendeu, torturou e matou muita gente, ainda era uma ditadura. E também a



ARQUIVO

partir de nossa vitória na eleição do Sindicato, o Augusto incentivou para que apoiássemos as oposições bancárias em todo o país e passamos a ganhar mais espaço. E essa foi uma das razões que permitiu o nascimento das Diretas Já. Tem muita gente que não reconhece o papel do movimento sindical, mas foi ele que ofereceu as condições necessárias para a elite, classe média e partidos políticos terem a convicção de que havia espaço para derrubar a ditadura.

## Como surgiam as pautas que eram apresentadas aos bancos na mesa de negociação?

Do contato diário com a categoria. Nosso Sindicato foi o primeiro a ter em sua pauta o auxílio-refeição, pois a maioria dos bancários trabalhava no Centro e tinha de almoçar nos restaurantes. Aí inventamos de pedir ajuda alimentação, que veio em forma de tíquete e, posteriormente, passou a ser reivindicado por outras categorias em escala nacional. Mas isso não foi fácil. Fizemos pratos gigantes, frutas enormes, talheres imensos e passamos a percorrer as ruas do calçadão. Esse esforço visual era muito apreciado pela categoria, ia uma bandinha, faziam teatro de rua. Mecanismo de entretenimento para que a reivindicação fosse feita de forma mais criativa. Era uma coisa nova, ninguém fazia isso no sindicalismo brasileiro.

## De que outra forma vocês chamavam atenção dos bancários para as reivindicações?

Era um Sindicato muito democrático. Tinha uma comissão de mobilização que, às vezes, decidia fazer comício e, como as pessoas não gostavam mui-

to disso, eu falava, parecendo aquelas pessoas que fazem sermão e ninguém para. Mas sabe que isso marcou? Pois muitos anos depois pessoas me paravam para dizer que se lembravam de mim em cima de um banquinho e com um megafone na mão. Aliás, como o megafone era muito fraco, contratei um engenheiro para melhorar o som e ele deu a ideia de usar um gerador de camping. Colocamos rodinhas nele e passamos a percorrer o centro. Fazia um barulho infernal, depois vieram os caminhões de som, também via gerador. Outra coisa que fiz foi colocar impressos com tabela de reajuste salarial na entrada do Sindicato. Primeiro coloquei 500 e antes do almoço tinha acabado. Imprimir mais mil e foi que nem água. Perguntei o que estava ocorrendo e o pessoal me disse que os bancários levavam aos montes para distribuir na agência. Bom, vi que o bancário gostava daquilo e passamos a colocar as tabelas também na nossa *Folha Bancária*.

## Qual o papel dos bancários na criação da CUT?

Os bancários tiveram um papel muito importante na fundação da Central Única dos Trabalhadores. Depois de tudo que vínhamos fazendo, ganhando eleições com sindicatos de oposição bancária em várias partes do país e nossa resistência à ditadura, éramos muito respeitados no movimento sindical. E essa representatividade nacional de nossa categoria foi fundamental para a expressão nacional que a central passou a ter desde sua fundação. Além disso, conseguimos que fosse aprovada a nossa tese, a dos bancários, para que a central fosse constituída e que tivesse a organização que perdura até os dias atuais.



O megafone era uma das formas de comunicação de Gushiken com a categoria na década de 1980